

Editorial

Este jornal foi pensado para ser veiculado entre os dias 8 a 11 de novembro no Campus Central da UFRGS em Porto Alegre. Nasceu do convite endereçado pela Difusão Cultural para integrar as atividades do **5º Congresso Brasileiro da Extensão Universitária**. A prospecção que nos propusemos fazer nesta edição, intitulada *Diálogos Abertos*, reuniu artistas e pesquisadores por nós convidados, individuais ou grupos, que de uma forma ou de outra, estão ligados às atividades desenvolvidas pelo *Programa Formas de Pensar a Escultura - Perdidos no Espaço*, alguns desde o seu nascedouro em 2002.

O Campus Central foi novamente revisitado e mostrou-se bastante diferente do espaço que havíamos percorrido em 2002, durante a oficina de extensão *Perdidos no Espaço II - Intervenções no Campus Central*. O nosso site guarda ainda o frescor das intervenções propostas nas ocasiões em que nos reunimos. A distância temporal que nos separa do primeiro projeto, nove anos, nos deu a possibilidade de observar criticamente as transformações da Universidade que segue em obras de adequação às mudanças contínuas decorrentes do seu crescimento.

Prossegue-se igualmente uma lenta e paulatina restauração da série de edifícios tombados pela Secretaria do Patrimônio Histórico, que aos poucos devolve ao uso edifícios renovados que abrigarão as novas Unidades da UFRGS. Veremos que ao lado de charmosos detalhes da arquitetura e de espaços recônditos há uma série de espaços residuais, alguns quase em ruína e outros sem um uso preciso. Convivem canteiros de obras das novas edificações com prédios em franca transição. Para o passante e o usuário do Campus este contexto múltiplo abre um campo para explorações. Onde estamos? Como se dá a integração destes diversos espaços e suas funções? O que dizer do diálogo entre as áreas de conhecimento? Como costurar, pelos fluxos da circulação e do olhar-ouvir, aquilo que aparece fragmentado mas que constitui nosso espaço comum?

Quem é usuário do Campus sabe da espera longa do sinal que libera a travessia desta via. Na pausa, a conversa por vezes se alonga, projetos nascem e as idéias se organizam. A caminhada oxigena o pensar. As reflexões aqui apresentadas vêm em decorrência da experiência concreta no lugar, como desdobramento, criando áreas de fruição e exercícios de memória exigentes e sofisticados.

Nossa dinâmica de trabalho partiu do desbravamento desta realidade do Campus Central considerando-o um território de ação da arte. Através das caminhadas, conversas e relatos, discutimos os diversos aspectos levantados neste lugar que hoje trazemos à tona sob a forma de proposições que elaboram, cada qual ao seu modo, as experiências ali vivenciadas. Realizamos para o **5º CBEU** 13 intervenções e editamos 7 cartazes. As intervenções e as ações irão certamente visitar, cruzar e habitar momentaneamente os locais onde se instalam, ou trilhar caminhos por onde passarão. Quanto aos cartazes, estes se apresentam como um espaço de manifestação por excelência e, disseminados pelo Campus Central da UFRGS, endereçam-se a todos e a cada um.

Para os 24 artistas e pesquisadores convidados pelo *Projeto Perdidos no Espaço* foi estimulante transitar pelo Campus, penetrar e circular por distintos edifícios, abrir portas e janelas e deixar-se impregnar pelos espíritos de cada um destes locais. Estes devolvem aos locais intervenções discretas e potentes, que ocorrerão em bibliotecas, nos jardins, salões, nas paredes externas, nos espaços de circulação e no entorno do Campus, cortado por uma via de alta circulação.

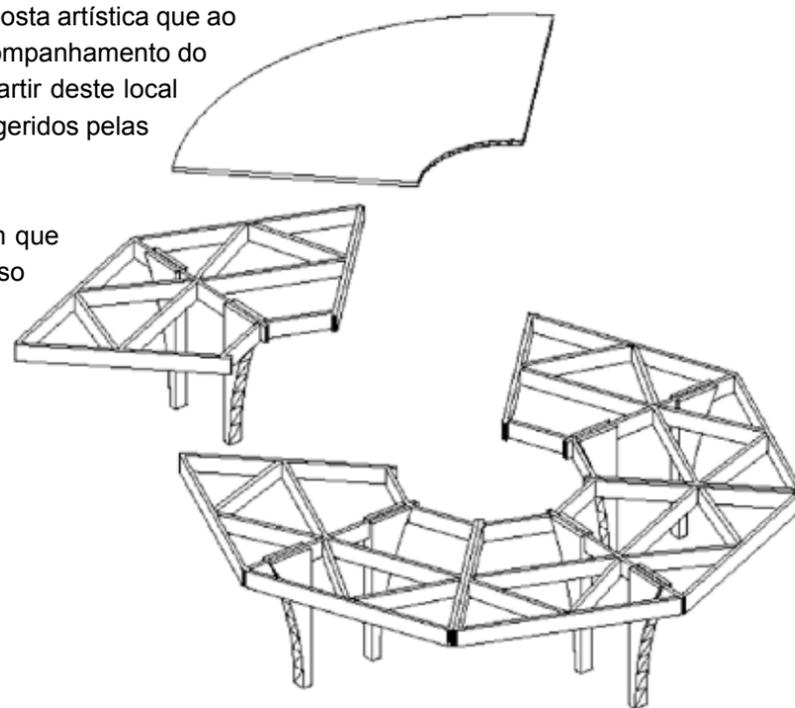
Dentre os artistas, alguns já passaram por nossa universidade, enquanto outros encontram-se realizando estudos de graduação ou pós-graduação. Neste contexto, através de suas propostas, possibilitam uma integração entre suas pesquisas e a extensão. Caberá a este grupo costurar delicadamente as duas alas do Campus Central, guiando-nos e proporcionando ao público visitante outras experiências nesses contextos de estudo e trabalho.

O Salão nobre do ICBS sediará a *Plataforma Diálogos Abertos*, concebida como uma proposta artística que ao mesmo tempo reúne pessoas, conversas e publicações. Será um ponto de apoio e de acompanhamento do conjunto de ações e intervenções elaboradas pelo *Perdidos no Espaço no Campus*. A partir deste local distribuiremos os cartazes e os jornais, e também ali promoveremos alguns encontros, sugeridos pelas circunstâncias e conversas decorrentes das propostas.

O projeto como um todo reveste-se de uma dimensão igualmente política na medida em que pensa a arte como a possibilidade de um fazer emancipador, envolvida num processo de sujeitos que se deslocam, que conectam e que atravessam atividades, saberes e disciplinas. Por um movimento de extensão - atuação por vezes dispersa e fluida - a arte penetra os corpos do conhecimento: visitando suas casas e propondo outros convívios, sintonias e percepções.

Maria Ivone dos Santos

Artista e professora do Instituto de Artes da UFRGS, Departamento de Artes Visuais / Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Coordenadora do *Projeto Formas de Pensar a Escultura Perdidos no Espaço* e do grupo de pesquisa *Veículos da Arte* (CNPq). Vive em Porto Alegre.





Intervalo de Apresentação (Qorpo-Santo)

Há uma sala de teatro no Campus Central da UFRGS cujo nome é uma homenagem ao escritor José Joaquim de Campos Leão (Triunfo, 1829 – Porto Alegre, 1883), mais conhecido pelo apelido de Qorpo-Santo.

As leituras e estudos já realizados apontaram Qorpo-Santo como um escritor de enorme singularidade. Conforme o período e as interpretações, ele foi qualificado de estranho, louco, devoto, inovador, conservador, excêntrico, futurista, subversivo, reacionário, surrealista, precursor do teatro do absurdo...

Qorpo-Santo escreveu dezessete peças em 1866, publicadas posteriormente nos volumes de sua *Ensiqlopédia: ou seis mezes de huma enfermidade*, a qual reunia também textos de aforismos, poesia, humor, escritos autobiográficos, artigos de jornal, textos sobre religião, política, ortografia, leis... Impressas pelo autor na tipografia de sua propriedade, as peças somente foram encenadas cem anos depois.

Cem anos então de intervalo separam a escrita de sua apresentação.

Chama a atenção o tempo transcorrido até que as peças fossem (re)descobertas, lidas, encenadas, quer dizer, essa diferença temporal, o abismo do desencontro entre o momento em que foram escritas e o momento em que tiveram sua recepção.

No início e durante certo tempo isso: todas as possibilidades da ação agitando-se com fúria no espaço de um teatro mental. Depois, apagamento, sonolência.

Durante cem anos, a escrita era o único lugar onde esse teatro se encontrava.

O intervalo guardou uma potência.

A escrita esteve e estava lá, nalgum lugar, mas ela era invisível. Como se somente as leituras posteriores tornassem possíveis essas peças, como se as interpretações *inscrevessem* essa possibilidade, como se elas fossem *escritas* novamente a partir dessas novas circunstâncias.

Sua ortografia era peculiar. O autor propunha e defendia uma reforma na qual a escrita seria determinada pela fonética. Vários de seus textos foram escritos dessa forma, inclusive seu apelido. Conforme suas indicações, a letra U, por exemplo, deveria ser suprimida em todas as palavras nas quais não fosse pronunciada; a letra C deveria ser substituída pela letra S ou pela letra Q, conforme a sonoridade; seriam inutilizadas as letras H ou Y porque não soam...

Para os **Diálogos Abertos - Perdidos no espaço no Campus Central da UFRGS** estou elaborando dois trabalhos: um cartaz e um vídeo com projeção-intervenção.

O cartaz chama-se **Intervalo de apresentação (Qorpo-Santo: personagens)**, e nele constará a lista de todos os personagens das peças.

Nas letras do cartaz e do vídeo será utilizada a fonte *Architype Schwitters*, de Quay e Sack, cujo desenho baseou-se no alfabeto fonético *sistemático* concebido em 1927 pelo artista alemão Kurt Schwitters (Hanôver, 1887 – 1948, Ambleside). A escolha dessa fonte foi sugerida por algumas coincidências e aspectos em comum observados entre Schwitters e Qorpo-Santo, como o gosto pelo humor, pelo absurdo, o uso da tipografia e o interesse pela fonética. A escolha também se deveu à importância que adquirem as formas dessas letras ao operarem interferências e conotações na leitura do texto.

O segundo trabalho chama-se **Intervalo de apresentação (Qorpo-Santo: teatro)**, e consiste na projeção de um vídeo realizado a partir das peças teatrais escritas por Qorpo-Santo. Só os títulos desfilam ante nossos olhos, mas esse desenrolar foi esvaziado, não está ali o desenvolvimento da ação, os diálogos, as atuações, o conteúdo das peças. Incompletude e intervalo no fluxo da informação. Intervalo na mediação.

O palco seria o lugar pré-determinado para acolher essas peças, mas o vídeo será projetado no lado externo do teatro, na frente ou nas paredes laterais. Penso uma situação de desencontro entre as peças e o lugar previsto para sua apresentação. Elas não estão no lugar esperado, não estão no seu lugar. Aquilo que deveria ocorrer em relação ao lugar de sua acolhida, não ocorre, mas por pouco.

Nas artes visuais, um trabalho *in-situ*, incorpora ou relaciona-se de forma intrínseca com o lugar de acolhida, e este se torna parte integrante do *trabalho* que ali está sendo efetuado. Ao mesmo tempo, num trabalho *in-situ* há a elaboração de utensílios e a realização de procedimentos que evidenciam as condições e circunstâncias nas quais ele é visto. **Intervalo de apresentação (Qorpo-Santo: teatro)** é quase o avesso de um trabalho *in-situ*. Ao invés de um *in-situ*, e evocando algo do humor de Qorpo-Santo, poderíamos falar de um *ex-situ*, ou na sua ortografia, um *eqs-situ*. A partir de um lugar, mas deslocado, fora de lugar. Como quando dizemos que certos móveis estão fora de lugar numa sala, porque sabemos de sua relação a esse lugar.

Hélio Ferverza

Artista e professor do Instituto de Artes da UFRGS, Departamento de Artes Visuais / Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, pesquisador do CNPq e coordenador do grupo de pesquisa *Veículos da Arte* (CNPq). Vive em Porto Alegre.

AA

Ee

Ij

OO

Uü

Yy

A B C D E F G H I J K L M N

O P Q R S T U V W X Y Z

0 1 2 3 4

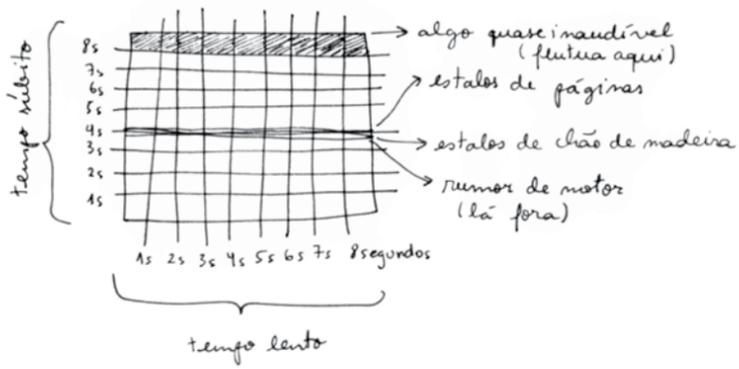
5 6 7 8 9

Assonâncias de silêncios [biblioteca]

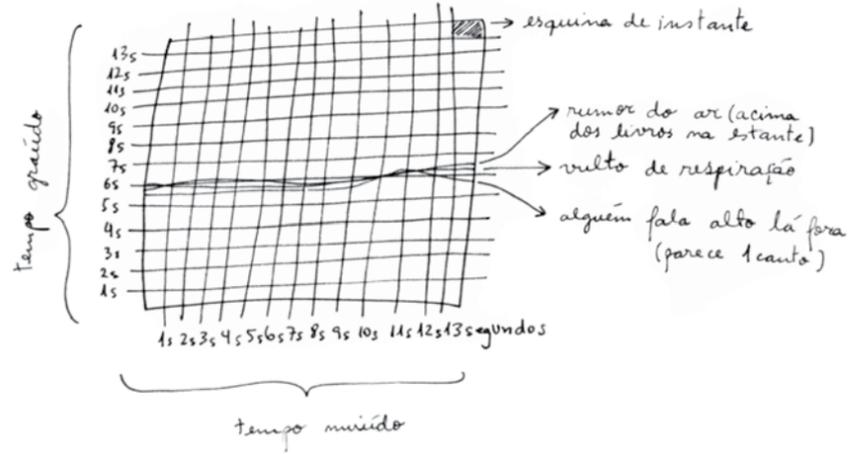
notas-desenhos para escuta simultânea

www.soundcloud.com/irrecuperavel-ou-ocioso

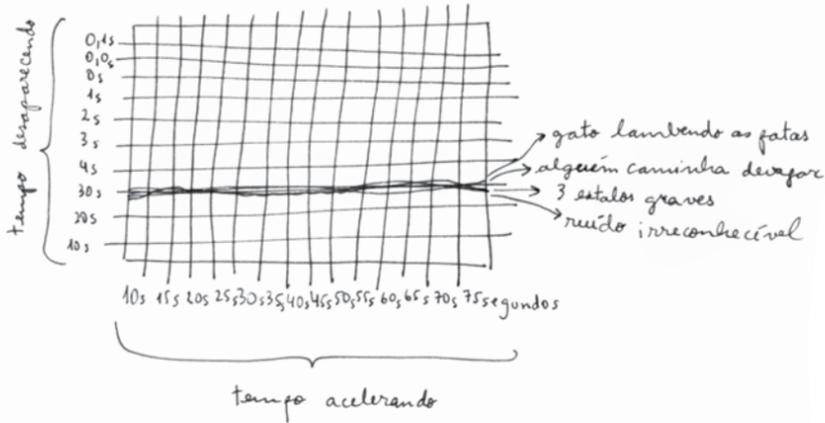
• silêncio irreuperável 1



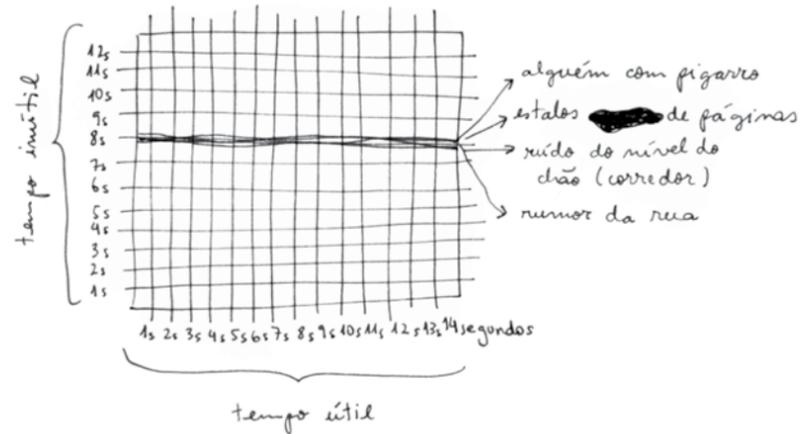
• silêncio ocioso 1



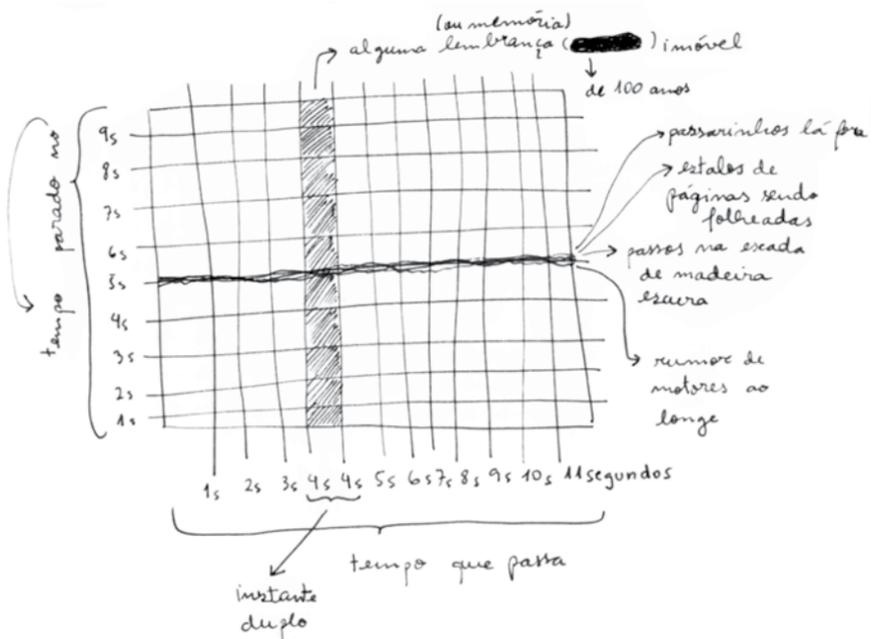
• silêncio irreuperável 2



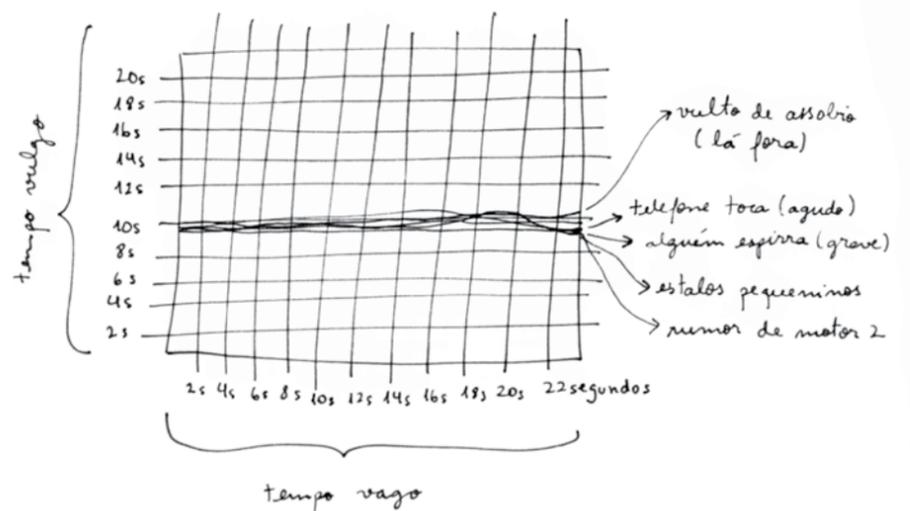
• silêncio ocioso 2



• silêncio irreuperável 0



• silêncio ocioso 2



Raquel Stolf

Artista e professora na UDESC. Mestre e Doutora em Artes Visuais pelo PPGAV/UFRGS. Participa dos grupos de pesquisa *Veículos da Arte* (CNPq) e *Proposições artísticas contemporâneas e seus processos experimentais* (UDESC/ CNPq). Vive em Florianópolis.

Puzzle – PERCURSOS E OBTURAÇÕES NO CAMPUS

Proponho minha intervenção no campus da UFRGS como uma ação de assinalar formas, volumes e distâncias de objetos e detalhes arquitetônicos presentes no espaço aberto do campus. A proposta está ligada à intenção de aprender com os sentidos mantendo uma conexão com o ato de construir, de materializar o vazio em objetos que desvendam, sinalizam ou modificam os lugares. Neste sentido as peças que produzo e acrescento ao ambiente encontram um sentido fora de si, nas formas construídas, alteradas pelo tempo e pelo uso, a vegetação, os detritos, as estruturas temporárias, e os volumes intervalares formados por eles. Seu aspecto me atrai como um vocabulário instigante de combinações volumétricas que procuro retrabalhar e tornar mais visível com a intervenção artística.

A observação, seleção e levantamento métrico e fotográfico dos espaços culminam na construção e encaixe de peças produzidas em cartão revestidas com massa corrida. Suas formas partem dos contornos do espaço, escolhido segundo critérios de uso e deslocamento do público da universidade assim como da forma e quantidade de vazios constituídos por encontros de fachadas, pisos e elementos naturais. O encaixe perfeito dessas peças ocupa reentrâncias e torna opacos pequenos vazios formados por grades, frisos, ranhuras e cantos encontrados na área selecionada. O preenchimento e pontuação destes intervalos procuram tencionar a relação do público com seu ambiente.

O projeto faz parte de uma série de experiências iniciada na cidade de Milão em 2005 e continuada em Londres em 2006 nas quais realizei encaixes de objetos que construí e posteriormente incorporei ao mobiliário urbano. O trajeto das peças desde o atelier onde foram produzidas até seus nichos de encaixe em diferentes pontos da cidade foi documentado e apresentado em um vídeo.

Considero significativo que esta terceira etapa aconteça na minha cidade natal, Porto Alegre, e mais especificamente, no campus que freqüentei por mais de seis anos. Desta maneira o trabalho segue uma linha de ação que se funda no cotidiano e no conhecimento dos espaços enquanto ambientes da vida – ricos de referências. Nas cercanias da faculdade de arquitetura da UFRGS minha memória acrescenta espessura à experiência presente e informa a percepção com dados que vão além do campo de visão.

Puzzle Porto Alegre propõe um movimento de acumulação com um ponto de vista fixo que delimitará uma seção de trabalho com seus vazios levantados e preenchidos em intervalos regulares de tempo (aproximadamente uma a cada três dias). A saturação gradual do espaço acontecerá por meio do encaixe de até 15 peças, e as modificações na área de ação do trabalho serão documentadas por fotografias tiradas sempre do mesmo ponto de vista, mantendo ângulo e afastamento constantes.

A intervenção interage com o caráter fortemente heterogêneo do conjunto arquitetônico que conforma o campus central e tira partido da abundância de espaços residuais fruto da sobreposição de projetos e reformas ao longo de décadas de funcionamento da universidade. Entendo que a observação dessas formas projetadas; dos materiais; do movimento e atitude dos passantes; do controle institucional representado pelo sistema de limpeza e manutenção; e da influência do clima e de outros fatores contextuais podem traçar um caminho em direção à fundação de um lugar.



Puzzle, Milão, 2005 e Puzzle, Londres, 2006. Fotografia (Acervo do artista).

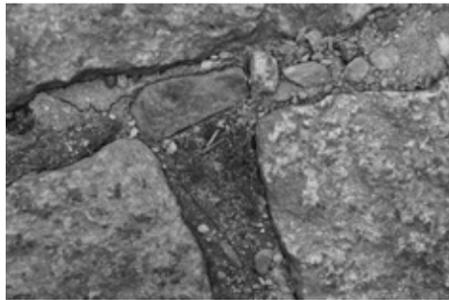
Tiago Giora

Artista, arquiteto, Mestre e doutorando em Poéticas Visuais pelo PPGAV/UFRGS. Vive em Porto Alegre.

(es)colher, (re)colher: pedras campus central da ufrgs



pedra: cinzenta e meio circular, seu quase diâmetro tem cerca de 3,5 cm.



pedra: pequena, irregular, amarelada pelo contato com a terra. semissolta do solo ao (re)colhê-la.



pedra: mais escura. a parte que estava sob o solo é angular e sua superfície achatada ficava rente ao chão.



pedra: arredondada, um de seus lados é esbranquiçado por carregar restos de cimento. diferenciava-se muito das pedras ao seu redor.



pedra: pouco maior do que uma bola de gude, sua tonalidade é a mesma da terra de onde foi (re)colhida.



pedra: mais clara. não tão clara, mas o suficiente para destoar das outras pedras coletadas. agarrada ao solo no momento de sua retirada.



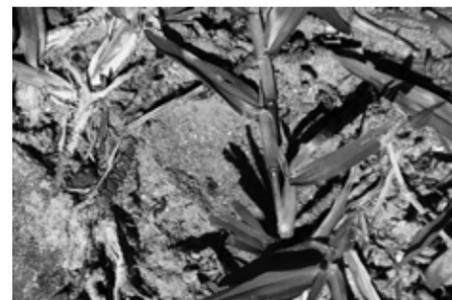
pedra: de formato irregular e achatada, é a primeira das pontiagudas (es)colhidas. solta; desapegada do chão.



pedra: ovalada. seu lado mais extenso dobra o tamanho da menor parte.



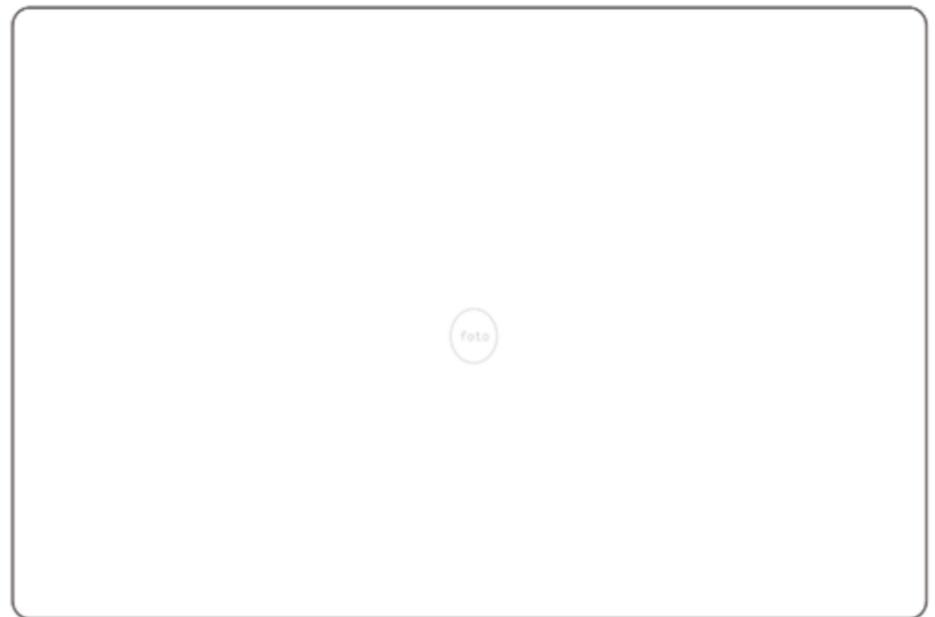
pedra: a maior e mais arraigada ao chão. antes de (re)colhê-la não era possível prever sua dimensão.



pedra: seus lados são bastante desiguais, sendo a última das angulosas (es)colhidas.

Claudia Zimmer

Artista, Mestre e doutoranda em Artes Visuais pelo PPGAV/UFRGS. Membro do grupo de pesquisa *Veículos da Arte* (UFRGS/CNPq) e do grupo de pesquisa *Proposições artísticas contemporâneas e seus processos experimentais* (UDESC/CNPq). Vive em Florianópolis.



Banhada pela claridade de um fim de tarde ensolarado de primavera, uma toalha de piquenique xadrez vichy azul está estendida no gramado do pátio do Observatório Astronômico. Sobre a toalha, há um sortimento de frutas, dentre as quais destacam-se um melão de tamanho mediano e algumas maçãs vermelhas. Dispostas no centro da toalha, há garrafas de bebida, das quais não se pode definir o conteúdo; e uma vasilha que parece conter água fresca. Pode-se ver ainda, ao lado de uma cesta que abriga os guardanapos de linho branco, copos e alguns talheres, dois recipientes baixos que contêm diferentes tipos de torta. No primeiro deles, mais à direita, há uma torta de ricota, a qual talvez tenha levado ervilhas ou alcaparras, pois vê-se sutilmente um tom de verde pontilhado em meio à massa. No lado oposto, há uma torta provavelmente doce, pois percebe-se nitidamente o glacê branco cobrindo a massa decorada com finas fatias de morango. O tom descontraído da cena é visível pelos sorrisos estampados nos rostos dos convivas, sentados à volta da toalha. Uma jovem serve-se da torta salgada. Outra descasca uma maçã, atenta ao que está fazendo. Um rapaz serve-se da torta doce, enquanto que o outro lança seu olhar ao chão, em direção ao pequeno ramallete de flores do campo que está recostado na cesta de palha fina de trigo. Este lugar parece ser um excelente espaço para passar a tarde ou algum tempo juntos em um piquenique.

Banalidades do Drama Nacional

fragilidade



Na noite do dia 23 de agosto de 1954, as 22 horas e 52 minutos, Maria Luisa, a qual tinha seis anos de idade, quebrou uma taça de cristal que era parte de um conjunto de casamento de seus pais. Aquele foi o dia mais triste de sua vida. Levou algumas palmadas e ficou de castigo em seu quarto. De uma maneira infantil, Maria Luisa sentia o peso da culpa e a solidão de não poder compartilhar a sua tristeza. Ela gostava do barulho que a taça fazia quando passava suavemente os dedos sobre a sua boca.

Fernanda Gassen

Artista, Mestre e doutoranda em Poéticas Visuais pelo PPGAV/UFRGS. Editora da *Revista-Valise*. Membro do Grupo de Pesquisa *Parte Escrita* (UFRGS/CNPq). Vive em Porto Alegre.

Michel Zózimo

Artista, Mestre e doutorando em Poéticas Visuais pelo PPGAV/UFRGS. Membro do Grupo de Pesquisa *Veículos da Arte* (CNPq). Vive em Porto Alegre.

Pág. 7 e 10

Helene Sacco

Série de desenhos: *Gabinete de trabalho*

Artista, Mestre e doutoranda em Poéticas Visuais pelo PPGAV/UFRGS. Membro do Grupo de Pesquisa *Parte Escrita* (UFRGS/CNPq). Atua também como ilustradora e em criações de objetos cênicos, cenografia e direção de arte. Vive em Pelotas

Expedição poético-científica

Perdidos no Espaço - 2011

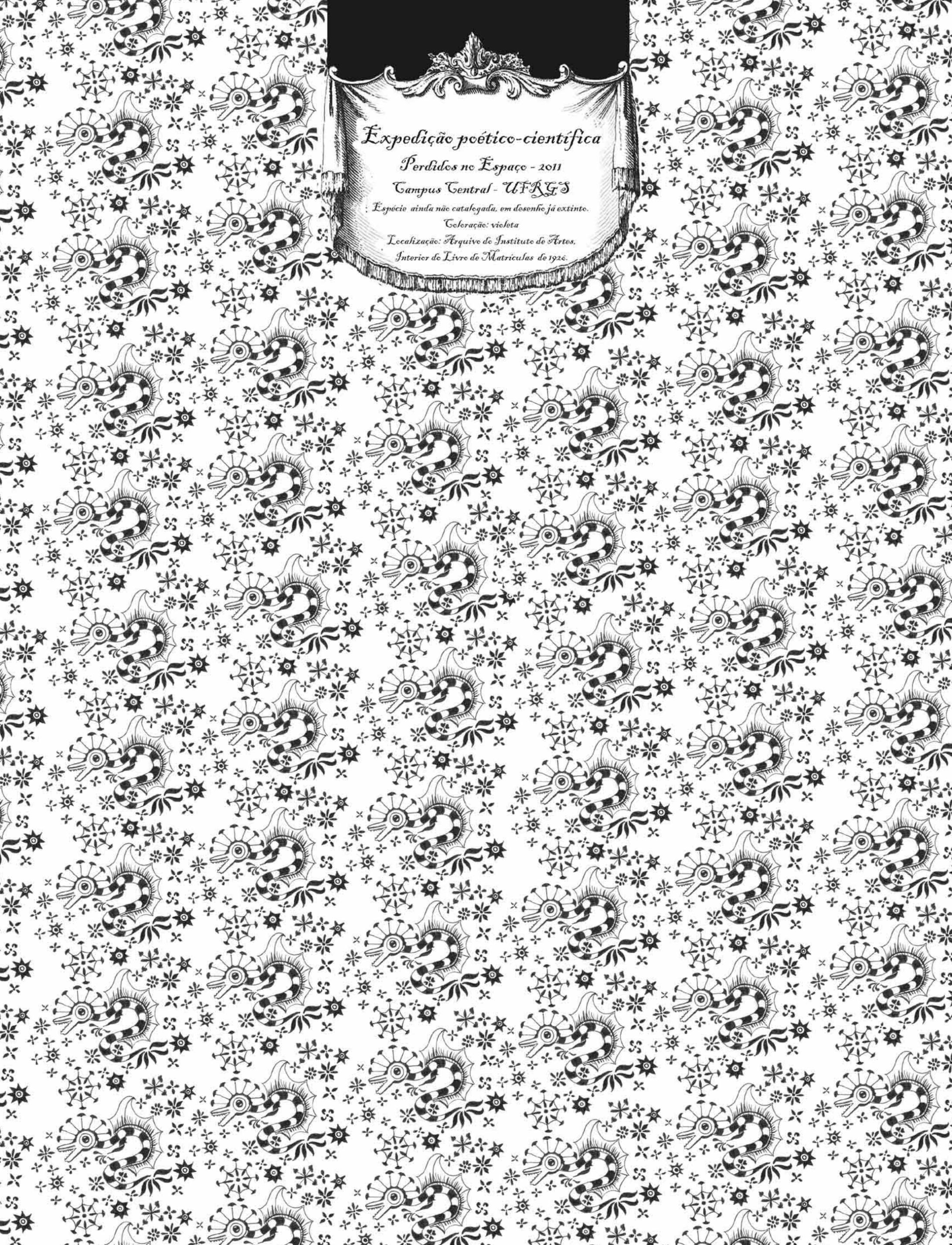
Campus Central - UFRGS

Espécie ainda não catalogada, em desenho já extinto.

Coleção: violeta

Localização: Arquivo do Instituto de Artes,

Interior do Livro de Matrículas de 1926.



ARQUIVO/DESARQUIVO

SITUAÇÃO

O >DESARQUIVO é produzido a partir do Arquivo de emergência, uma pesquisa/arquivo desenvolvida entre 2005 e 2010 por A Arquivista e Cristina Ribas. A criação do Arquivo de emergência surgiu simultânea a uma maior mobilização pública e coletiva das práticas artísticas, analisada por diversos pesquisadores e ativistas. A partir de meados de 1998 observa-se efeitos de contaminação de práticas colaborativas e em espaço público promovendo um contato intenso entre práticas artísticas, comunicativas e expressivas, constituindo >ESFERAS PÚBLICAS e apresentando uma série de conflitos e problemas interessantes ao >CAMPO da arte. No Brasil isso significou a promoção de >EVENTOS e >ESTRATÉGIAS motivadas pela >AUTONOMIA entre os >AGENTES envolvidos, possibilitando experimentações de linguagem para além das ações de crítica institucional, e proporcionando ações de >APRENDIZAGEM. Apresentamos aqui um texto editado a partir de alguns dos conceitos que animam o ARQUIVO/DESARQUIVO. Tais conceitos, chamados de >ENTRADAS, relacionam-se como um hipertexto ou uma constelação de conceitos.

APRENDIZAGEM

Processos de APRENDIZAGEM permeiam as práticas artísticas. Interessa ao >DESARQUIVO sinalizar agenciamentos nos quais AGENTES estão envolvidos em processo de APRENDIZAGEM tanto nas relações que fomentam entre si (atores de processos cooperativos, como no caso das >ESTRATÉGIAS) assim como nas relações comunitárias que criam (através dos diversos >EVENTOS).

Toma-se a APRENDIZAGEM como um passo a partir de si, e para si, ou um saber de si coextensivo a um saber do mundo. A APRENDIZAGEM relaciona-se ao AGENTE em seus processos constitutivos e, portanto, atua sobre uma formação individual em relação direta com formas coletivas.

A APRENDIZAGEM não demarca um método preciso, mas uma ferramenta relacional, contingente e constitutiva, que opera a quebra de hierarquias e processos verticalizados, promovendo o encontro de AGENTES em um estado dialógico e cooperativo.

No >DESARQUIVO não se pensa a APRENDIZAGEM em modos instrumentalizadores (não é um saber sobre a arte, por exemplo), contudo um saber que produz modos possíveis para os AGENTES e para as práticas artísticas (>EVENTOS e >ESTRATÉGIAS).

DESARQUIVO

>DESARQUIVO é a incitação de tirar algo do lugar de maneira a mobilizar e colocar em relação. Portanto no >DESARQUIVO itens e materiais não têm lugares fixos / >MOBILIDADE / mas são antes dados a operações e coreografias de relação e aproximação aos demais.

[...] O >DESARQUIVO é sempre diferencial: ou seja, cada operação de desarquivamento torna-se um novo agenciamento. Sua imagem é antes a de uma monotopia do que a de um negativo. Há uma transmissividade possível naquele >DOCUMENTO >TEXTO >IMAGEM acessado, que se faz gravação sempre nova e desmedida. O arquivo prescinde de um gesto que se desfaz no >DESARQUIVO.

ESFERA PÚBLICA e/ou o COMUM

A ESFERA PÚBLICA acontece no espaço da fala e da argumentação, da escuta e da emissão, portanto da experiência e da relação. A ESFERA PÚBLICA é eminentemente coletiva e constituída por diferentes atores / >AGENTES /. Não necessariamente consensual, pode ser usada como espaço de insurgência, de enunciação, como ferramenta de solução de conflitos ou para encontrar soluções específicas para problemas comuns. A ESFERA PÚBLICA deve considerar a participação de atores em relação oposicional uns aos outros. Não é representativa nem deve gerar exclusões.

[...] A multiplicidade é uma característica da ESFERA PÚBLICA, um espaço comum constituído sempre sem medida. Nela o poder de invenção e criação – de si, das composições sociais e de novas instituições – atesta a relação imanente entre os >AGENTES através da cooperação, dissenso, associação, ... entre outras relações protagonizadas. A ESFERA PÚBLICA torna-se uma ferramenta de proliferação dos modos cooperativos / >AUTONOMIA / e situação de >APRENDIZAGEM / NOVOS POSSÍVEIS.

O COMUM entrelaça-se com a ESFERA PÚBLICA. Resulta de um processo dinâmico, de mixagem de capacidades expressivas, proliferação de atividades criativas, produções diferenciais, criações libertárias, associações autônomas. O COMUM é expressão de potência política em redes de cooperação e conflito.

HISTÓRIA

O >DESARQUIVO pretende flexibilizar a produção de historiografias, oferecendo os itens e os materiais classificados como >DOCUMENTOS >IMAGENS e >TEXTOS como elementos instáveis e produtivos dados à criação (poiesis).

>EVENTOS e >ESTRATÉGIAS, observadas suas características disruptivas / INSTITUIÇÃO PROBLEMÁTICA /, são paradigmáticos para os ARQUIVOS e portanto para HISTÓRIA. >RUPTURA e >EMERGÊNCIA incidem sobre os poderes de conservação, e abrem novos signos no >CAMPO.

Portanto, extrapolam a compreensão de uma HISTÓRIA da ARTE única ou linear como o lugar de instituição e elaboração crítica das práticas artísticas, comunicativas, criativas, expressivas, entre outras. Assumindo as discontinuidades que insurgem, há uma reinvenção possível da HISTÓRIA, inclusive pela observação da heterogeneidade que os agenciamentos provocam. Nos >DESARQUIVAMENTOS provocam-se novos estratos em >EMERGÊNCIA, novas gravações ou novas escritas.

Na >PESQUISA animada como >PESQUISA-militante diversas esferas de atuação dos AGENTES do CAMPO entram em articulação. Sejam elas acadêmica, historiográfica, mercadológica, autônoma, ... elas se cruzam abrindo espaço para a incidência de uma crítica da HISTÓRIA da ARTE, ou de uma HISTÓRIA das práticas artísticas.

Considerando a >RUPTURA e a >EMERGÊNCIA, portanto, a atualidade desses agenciamentos e cruzamentos, novas ações historiográficas interferem diretamente no presente onde se impõe, sem necessidade de distanciamento histórico. O >DESARQUIVO interage, assim, com redes de produção e troca de informação e suas articulações com o COMUM, sendo a historiografia um dos nexos políticos desta proposição. A constituição de uma HISTÓRIA, assim como do >DESARQUIVO, destina-se a um COMUM.

SITUAÇÃO /
ARQUIVO/ DESARQUIVO
AGENTE
ARGUMENTO
AUTONOMIA
APRENDIZAGEM
CAMPO
DESARQUIVO
ESFERA PÚBLICA e/ou o COMUM
EMERGÊNCIA
EVENTOS e ESTRATÉGIAS
HISTÓRIA
MOBILIDADE
PESQUISA
RUPTURA
SISTEMA
SUBSTITUIÇÃO



Cristina Ribas

Artista e pesquisadora, Mestre em Artes pela PPGARTES/ UERJ. Desenvolve o Arquivo de emergência desde 2005 e coordena a Plataforma on line www.desarquivo.org. Atualmente é professora da UERJ. Vive no Rio de Janeiro.

Lista de ideias bobas

1. Clarice Lispector, em determinado texto afirma que o bobo consegue ficar “sentado, quase sem se mexer, por quase duas horas. Se perguntado por que não faz alguma coisa, responde: ‘Estou fazendo. Estou pensando’”¹. Assim me peguei nesta manhã de sábado: sentada junto à janela do quarto andar, pensando (além de outros gerúndios: olhando, bocejando, respirando, sendo – boba). Enquanto isso, observo que este se coloca como um momento crucial no processo criativo que levo à cabo na construção de uma ideia (que logo será projeto e, muito possivelmente, trabalho artístico). Pensar como o bobo de Lispector, horas a fio, mirando ao nada (ou a coisa alguma), especialmente pela manhã, é o segundo passo do processo de criação (já lhes conto o primeiro). Porém, (não sei se passa o mesmo com você, leitor) as ideias matutinas, aquelas primeiras do dia, que parecem tão brilhantes enquanto ainda se está na cama, depois de despertadas, com o corpo e com a mente, são tão bobas!

2. Em agosto de 2011 fui convidada a participar do projeto *Perdidos no Espaço*. Me animei bastante, já que há meses não produzia nada. O cerne do projeto estava no local: campus da Reitoria da UFRGS (lugar este que bem conheço, tendo em vista que o freqüentava quando aluna desta mesma universidade). Para tal fim, passei ao passo dois do processo criativo em uma manhã em que despertei cedo, mas não me levantei da cama. Ali, passei a recordar-me do espaço, do lugar, dos sítios e dos momentos já vividos nele; instantes corriqueiros como:

- empurrar uma porta com força;
- a procura de conversas alheias no Bar do Antonio;
- as vezes que olhei cada rosto buscando alguém;
- as bananeiras do biotério;
- as imensas filas do R.U.
- os mini-jardins de musgo
- os bancos com sol ao inverno e sombra ao verão;
- o livro que li por inteiro enquanto esperava algo ou alguém de que já não mais me recordo.

E disto construí, em uma manhã, depois de despertar-me e antes de levantar-me, uma lista que, por seu momento de criação, obviamente, possuía, apenas, ideias bobas.

3. Em certa tarde de setembro, como propõe o projeto, fui junto ao grupo de perdidos reconhecer o espaço da reitoria. Tal ato, nos processos criativos que desenvolvo, se encontra como primeiro passo construtivo: ir ao local, estar aí por algumas horas, anotar o notável (te adoro, Péric), experimentá-lo (como amo os Situacionistas!). Frente à pretensão de realizar uma proposição, o espaço me é caro, visto que, na maioria das vezes, meu trabalho está destinado a um lugar específico (*in situ*, *site-specific*, *site-oriented*) que me deve ser, de alguma forma, conhecido. Seja uma ação, um intervenção, uma instalação, um vídeo, uma escultura, o lugar, mais que isso, o contexto (espaço+tempo+presença) de atuação, me é o centro de todas as questões. Mas, voltando à tarde de setembro, neste dia, mais que observar o espaço, descobri que, a ideia boba que havia eleito entre as demais bobagens de minha lista matutina (terceira etapa: escolher uma das ideias e desenvolvê-la), pasmo, já havia sido, semelhantemente, pensada por outro artista.

4. Iniciava-se novo (mas igual) processo, de A a Z:

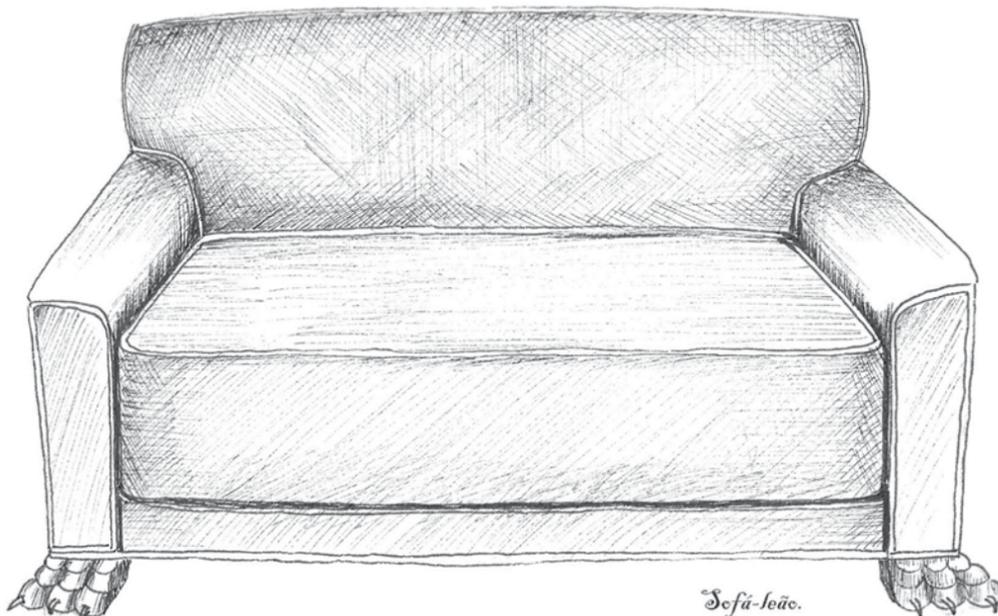
- a. conhecer o lugar
- b. dormir
- c. acordar
- d. recordar
- e. pensar (como bobo)
- f. levantar-se
- g. auto-criticar
- h. escolher
- i. persistir na escolha
- j. desdobrá-la
- k. desdesdobrá-la
- l. desdesdesdobrá-la
- m. dobrá-la
- n. contar a alguém
- o. receber/analisar (e às vezes engolir) a opinião do outro
- p. construir o projeto
- q. construir protótipos
- r. mostrar a alguém
- s. receber/analisar (e às vezes engolir) a crítica do outro
- t. certificar-se de que não há trabalhos semelhantes
- u. lembrar-se da inexistência da originalidade
- v. levar a cabo
- x. realizar
- y. observar o receptor/espectador/partícipe
- z. reiniciar.

5. Nesta manhã de sábado me peguei sentada junto à janela do quarto andar. Com uma lista de ideias bobas na cabeça, pareço, finalmente, ter eleito uma: escrever um texto.

¹ LISPECTOR, Clarice. *Das Vantagens de Ser Bobo*. Crônica. s/data

Jéssica Becker

Artista, Mestre em Artes Visuais pelo PPGAV-UFRGS, doutoranda na área de *Arte: Producción e Investigación* na Universidade Politécnica de Valencia, Espanha. Vive em Porto Alegre.



Sobre espaços e resíduos no Campus Central

O convite para uma tarde de caminhada pelo Campus Central da UFRGS, acompanhado do grupo de artistas que participaria do *Projeto Diálogo Abertos – Perdidos no Espaço*, para mim, já trazia implícita a promessa de um encontro com o insólito. Depois de tantos anos caminhando por aqueles mesmos espaços, só poderia mesmo encontrar ali alguma novidade se entrasse nessa experiência com a disposição de trazer o fundo para o lugar da figura. Se a proposta da caminhada era facilitar essa tarefa pela companhia de outros igualmente atentos ao que, normalmente, lhes passaria despercebido, reconheço que ela teve pleno êxito. E, de repente, o que salta aos olhos não são mais os caminhos bem conhecidos e os prédios históricos com suas histórias igualmente conhecidas. São as paredes descascadas e manchadas pelas infiltrações, as portas trancadas sob as escadas, os canos abandonados num nicho qualquer entre os prédios, o fungo que cresce no toco que restou da árvore cortada, as histórias que poucos conhecem ou não lembram mais. Não é preciso muito tempo

e nem muita atenção para se perceber que o Campus Central da UFRGS acumula resíduos por todos os cantos. Mas o que me surpreende, em particular, são os próprios cantos que se convertem em resíduos. Recortes, sobras, refugos ou descartes de espaços, dentro e fora dos prédios. Se a criação de espaços residuais ou *terrain vagues* é um fenômeno imaneente do crescimento e da vida das cidades, podemos tomar como inspiração poética as crenças e esperanças dos urbanistas na potência regeneradora desses espaços para uma reflexão sobre o microcosmo da UFRGS. Basta parar alguns instantes diante de um desses recantos e nichos recônditos espalhados pelo Campus Central para que a imaginação comece a fluir. A vontade de arrumar, limpar, recuperar alguma coisa que não se sabe muito bem o quê ou fazer alguma coisa funcionar ali é quase inevitável. Sabe-se lá quanta coisa passou pela cabeça das tantas pessoas que já circularam por ali? Pois se os espaços são hoje desprovidos de uso ou cuidado, não devem ser de resquícios de lembranças, planos, intenções, projetos mal-sucedidos ou de simples devaneios do passante ocasional que, surpreso, percebe a sua existência. E, assim, fica fácil de concluir que o espaço-resíduo/receptáculo-de-resíduos que aparentava aridez e decrepitude é, na verdade, solo repleto de vida em atividade oculta, terreno fértil para o cultivo de idéias

Sergio Tomasini

Engenheiro agrônomo, paisagista e Doutor em Engenharia na Área de Sustentabilidade pela UFRGS. Atualmente cursa o bacharelado em Artes Visuais pela UFRGS. Vive em Porto Alegre.



Fotografia: Sergio Tomasini



Fotografia: Eduardo Montelli, Galpão, 2007

Eduardo Montelli

Cursa Bacharelado em Artes Visuais no Instituto de Artes da UFRGS. Vive em Porto Alegre.

Nada de novo

A partir de janeiro de 2012, 23 anos. Hoje tenho 22 e em 2007: 18. O que me chamou atenção nesse tempo todo foi que quando a idade do mundo era ímpar, a minha era par. Tal observação me fez sentir que eu estava sempre “à frente do mundo”, mais adulto do que ele - obviamente, os horóscopos também tiveram seu papel na equivocada matemática dessa construção de identidade. 2007 menos 18 = 1989 anos antes de mim.

O que tínhamos dentro de um galpão nos fundos do pátio de casa eram escadas quebradas, poltronas, aquários sujos e estantes com gaiolas enferrujadas. Todas as coisas que não são mais utilizadas e que não são ainda lixo ficam guardadas aqui. Coisas que a gente não tinha coragem de jogar fora; coisas que a gente podia precisar depois; coisas que a gente não tinha onde guardar; brinquedos velhos; restos e coisas por acabar. E no começo da história era sobre isso que eu queria falar.

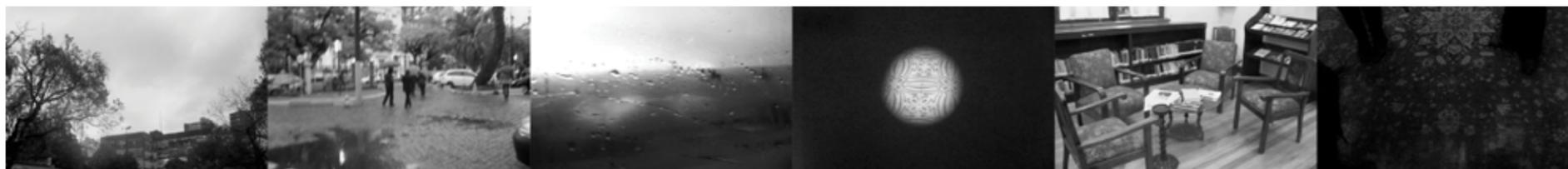
Fez 18 anos hoje e em breve receberá a notícia de que passou no vestibular. Em 2011 perguntou-se: “quando é que a gente fica adulto?”, pensando que não foi daquela vez. Um romance de formação ou apenas uma vida? Quantos deslocamentos precisará fazer! Muitos passos e verdades... E quais livros e pessoas e poltronas e árvores caberão dentro do incomensurável pátio? E o que ficará de fora?

Hoje – agora ainda – é sobre isso que eu queria falar: esta corrida com o mundo.

Veículo para comer, desenhar e observar a vista

No dia 05 de setembro, a partir das 15h, iniciamos uma caminhada pelo Campus Centro da UFRGS. Desde muito cedo já estávamos em deslocamento, pois partimos de Pelotas, chuvosa e úmida, às 8h rumo a Porto Alegre, para nos juntarmos ao grupo dos Perdidos... Tínhamos certeza que a máquina fotográfica iria nos auxiliar a assestar e registrar algumas vistas deste passeio. Os registros fotográficos ao longo do traslado - da janela do ônibus, de certa maneira atestavam nossa viagem. O pintor alemão Johann Rugendas evidenciou que: "Viajar tem sempre a virtude de que se continua estudando e se anda com os olhos bem abertos" ¹. Poderíamos, de certa maneira, considerar nossa viagem um *Grand Tour*, ou melhor, um pequeno grande turismo, uma viagem por prazer e amor à cultura. Todavia, nosso objetivo era observar as coisas e as pessoas que constituem o espaço do Campus, diferentemente das viagens realizadas no século XVIII, que visavam à contemplação das ruínas da antiguidade clássica.

Ao chegar ao Campus, experimentar o espaço pelo ato de andar e olhar [já havíamos passado muitas vezes pelo local com uma função prevista, mais prática, sem perceber o entorno]. Estando lá atentamos as distintas construções, o ladrilho do chão, a terra, o buraco, as árvores, as janelas, os passantes, o fogão e a chaleira, a janela, o céu grumoso e cinzento, os encontros. Subimos as escadas do mezanino de madeira da Biblioteca do Direito, impregnada do cheiro dos livros, donde podíamos ver as cadeiras e o cinzeiro muito antigos. Olhamos pela janela as pedras de um Museu de Mineralogia (...) Atentamos, olhamos às coisas e aos acontecimentos que nunca havíamos percebido.



Depois reinventamos o que já havíamos percebido.... Resolvemos incitar práticas no espaço, que possibilitem habitá-lo de outra maneira.

Já havíamos cogitado, antes de partir para Porto Alegre, realizar um trabalho em conjunto e partilhar nossos olhares, entretanto não sabíamos bem como procederíamos. Talvez, propor uma Mesa para ver a vista do Campus Centro, isso porque realizamos em 2009 um trabalho conjunto intitulado **Mesa com vista para o canal Santa Bárbara** ². A conjugação das poéticas ocorreu porque as proposições apresentaram dispositivos que tem o objetivo de suscitar a interação com o público, por meio de práticas cotidianas e experimentação do fazer artístico: sentar, conversar, desenhar, comer e olhar. As atitudes em comum destas duas poéticas as aproximavam, como também o encontro destas num mesmo lugar. Partindo desta premissa, neste momento criamos outro dispositivo para cultivar o prazer de olhar o espaço do Campus, para suscitar uma conversa sobre o visto e um desenho e uma troca amigável. Neste dispositivo, poderíamos partilhar os *cartões de vista mirante*, os *cartões de vista* com os registros fotográficos da caminhada. Como também, oferecer uma situação de interação social mais íntima num espaço público. Partindo destas premissas, criamos um **Veículo para comer, desenhar e observar a vista**. O desenho mostra este dispositivo móvel parecido com um "carrinho" com compartimentos para colocar lápis, papéis, bolachinhas, garrafas térmicas com chá, vasilhos, almofadas, cartões com as imagens do Campus e em branco para que as pessoas desenhem neles. Esta proposta colaborativa tem o objetivo de abrir um espaço de sociabilidade e interação no espaço público e, também, fornecer modos para ver e recriar o entorno a partir de pontos de vista alternativos.

¹ DIENER, Pablo, COSTA, Maria de Fátima. *A América de Rugendas: obras e documentos*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999, p.11.

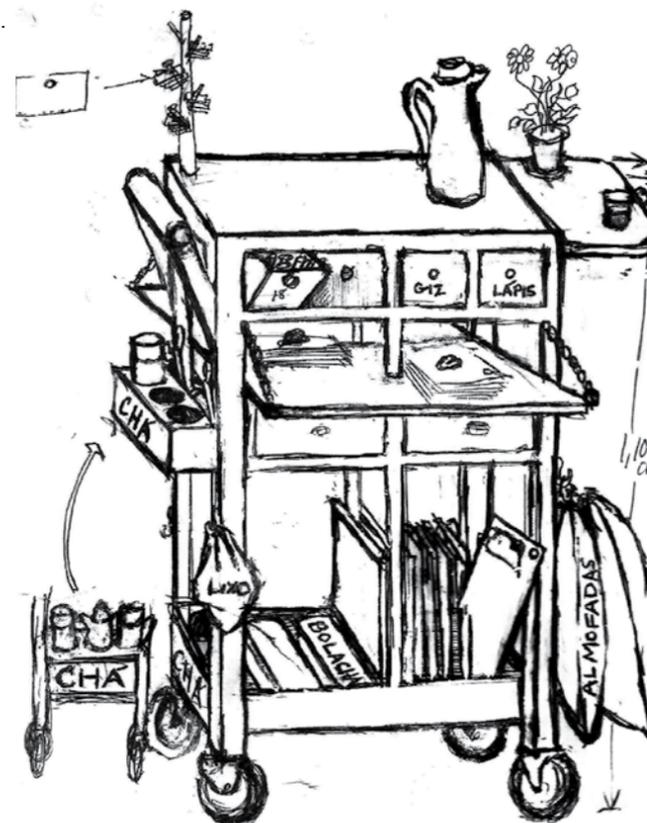
² Disponível em http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/cpa/alice_jean_monsell.pdf

Alice Monsell

Artista e professora do Curso de Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Mestre e Doutora em Artes Visuais pelo PPGAV-UFRGS. Coordena a pesquisa *Experiências poéticas: contextos, veículos e ações do cotidiano e da arte*. Participa dos Grupos de Pesquisa *Percursos poéticos: procedimentos e grafias da arte contemporânea* (UFPel) e *Veículos da Arte* (CNPq). Vive em Pelotas.

Duda Gonçalves

Artista e professora do Curso de Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Mestre e Doutora em Artes Visuais pelo PPGAV-UFRGS. Coordena a pesquisa *Deslocamentos, observâncias e cartografias contemporâneas*. Participa dos grupos de pesquisa *Percursos poéticos: procedimentos e grafias da arte contemporânea* (UFPel) e *Veículos da Arte* (CNPq). Vive em Pelotas.



Desenho da proposta, o "carrinho".

O gosto pelas jornadas anda mudado. Centenas de satélites mapeiam o território global e estabelecem os limites do mundo. Hoje tudo parece estranhamente ao alcance de ser conhecido. E o desconhecido torna-se um conceito cada vez mais alargado.

Imaginar uma porção de terra ou mar ainda não mapeada parece um exercício cada vez mais improvável. Com o acesso as imagens dos lugares em tempo real, cria-se a ilusão de se poder estar em toda a parte. “A visão mais ou menos longínqua das nossas viagens, cede assim a pouco e pouco o lugar à previsão mais ou menos rápida de uma chegada ao destino, chegada generalizada das imagens, da informação, que substitui doravante as nossas deslocções contínuas.”¹ – escreve Paul Virilio.

Diante da promessa de acesso a qualquer lugar do planeta pelas novas tecnologias, seguimos em busca de experiências além dos lugares que supomos conhecer; uma estratégia de resistência do imaginário contra o cenário árido do “superconhecido”.

Ao abrirmos o Google Earth, vemos o globo terrestre se aproximar, à espera de ser explorado – e é curioso sentirmos certa satisfação nisso. Viajar pela internet perseguindo nossos locais de desejo pode ser um movimento de projeção do futuro, ou de sublimação da experiência de estar lá.

A ficção há tempos é uma forma de empreender viagens. Apresentarei a seguir um pouco do meu desejo de travessia sublimado - um desejo de enguia, inspirado na *Prosa do Observatório* (1972), de Julio Cortázar, e na curiosidade despertada aqui em Portugal em torno de um animal misterioso de espírito viajante e noturno. O texto foi o lugar que encontrei para falar dessa pulsão, da vontade de experienciar outras geografias e de perder-me em outros espaços.

A prosa da mulher-enguia

Depois de atravessar o Atlântico e chegar ao Porto, algumas coisas banais lhe pareciam estranhas. Depois que ela comeu a enguia, tornou-se outra coisa. Antes de a engolir, olhou fixo para a pequena serpente que tinha a ponta de sua cauda entre os próprios dentes: aquela visão tinha um pouco de universo. Em seguida, partiu o anel daquele corpo ao meio, numa rápida mordida. Desde então, algo nela era enguia. Passou a sentir uma atração inexplicável pelo mar, pelo seu cheiro e mistério. Não era um desejo de navegação, heróico ou de descoberta; era um desejo de ciclo. Agora seu sangue continha o da enguia. Nos restaurantes sempre lhe recomendavam (em tom hospitaleiro) a especialidade da região: enguias. Quando lembrava daquela mordida, sentia um calafrio na espinha. Numa tarde, a Wikipedia lhe revelou que o ciclo das enguias era um mistério da natureza. Até Aristóteles se enganara; acreditava que elas brotavam do lodo por geração espontânea. São animais viajantes: nascem no Mar de Sargaços, de onde suas larvas são levadas Atlântico acima até os rios europeus. Lá se desenvolvem, para depois retornar pelo mesmo oceano, numa jornada de 7.500 km, quando então irão procriar e morrer.

Para Cortázar são também constelações prateadas nas profundezas do Atlântico.

Naquela noite, a Terra esperava a queda de um satélite sobre sua superfície. Provavelmente cairia naquele céu, sobre as enguias. Tal notícia a deixou intrigada. Não sabia se o seu lado enguia gostava mais de estrelas ou do mar (mas muito maior era seu gosto pelas jornadas). Sempre soube que seu desejo de viagem era um desejo de ciclo, independente de ser estrela ou enguia. Então fechou os olhos e dormiu. Era no escuro que as galáxias de céu e mar se confundiam.

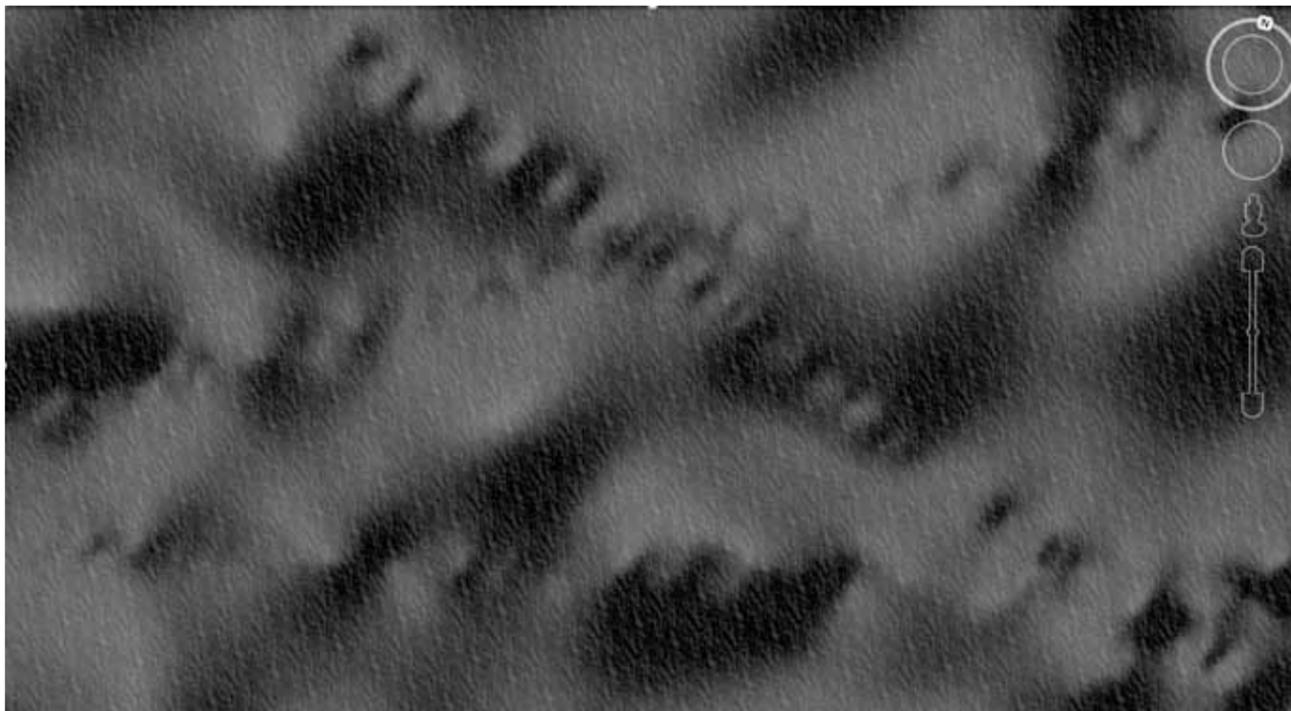
...

Naquela noite sonhou que estava dentro de uma cúpula prateada, para ver o brilho das estrelas refletir nas enguias (ou talvez o contrário). Aquele lugar parecia um observatório astronômico que visitara em outros tempos. Como nos filmes, a cúpula se abria e as estrelas brilhavam com ainda mais força na escuridão. As enguias amam a noite. Ela estava mareada, e só por conta disso apercebeu-se de que o observatório estava flutuando – tinha se desprendido do solo firme até o Rio Guaíba para desembocar no mar. Agora ele era uma embarcação. Encontrou, em uma de suas salas, um Atlas de Estrelas alemão do século XIX, mas sentiu que lhe faltava conhecimento para conduzir aquele observatório-barco oceano adentro. Não tinha medo de estar perdida e à deriva; sentia-se em comunhão com seu lado enguia. (Ainda não se sabe ao certo, diz-nos a Wikipedia, como as enguias se orientam para chegar até o Mar dos Sargaços; especula-se que seja visualmente, pelo céu ou pelo mar.) Era parte da unificação das constelações.

...

No dia seguinte, ao acordar, decidiu partir da Foz do Douro. Sem barco, sem nada. Sabia que sua natureza era a correnteza. A jornada prevista, Atlântico adentro, era de 7.500 km.

¹ VIRILIO, Paul. *A inércia Polar*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993, p. 40.



Fabiana Wielewicky

Artista e pesquisadora, Mestre em Artes Visuais pelo PPGAV-UFRGS, doutoranda em Arte na Universidade do Porto. Vive em Portugal.

Projeto Mobiliários: um processo de discussão no campus central da UFRGS

“Oikos”, palavra que dá origem ao termo “ecologia”, significa “casa”. Ecologia, literalmente, indicaria o “estudo da casa”. No final dos anos 80 trabalhava com biologia e, ao me interessar por ecologia, passei a prestar muita atenção ao entorno. Ecologia como um entorno também construído pelos seres humanos. Passo boa parte do dia na universidade, portanto ela também é uma espécie de casa que habito. Observar essa casa e como ela foi se modificando ao longo dos anos faz parte de meu cotidiano.

Ao longo da última década ocorreram muitas modificações no espaço do campus central da UFRGS, especialmente no que se refere a áreas verdes sendo trocadas por estacionamentos ao ar livre e, portanto, sendo cimentadas. As zonas verdes gradualmente foram diminuindo e os espaços de convívio se voltaram principalmente aos bares existentes no campus.



Campus Central da UFRGS. 2010.

O projeto tratado neste texto se vincula à prática do grupo Perdidos no Espaço que, desde 2003, vem prestando atenção ao campus central da UFRGS. Já naquele momento, o Perdidos havia promovido uma série de intervenções e mapeamentos, a partir de diferentes perspectivas, no campus central. As intervenções ofereceram aos usuários que por ali cotidianamente transitavam possibilidades de novos olhares em relação ao entorno. Naquele período havíamos pensado em fazer um trabalho participativo no espaço do campus, ideia que só veio a concretizar-se em 2010, com o Projeto Mobiliários.

O Projeto Mobiliários é uma proposta realizada em parceria com o centro acadêmico dos alunos do Instituto de Artes, UFRGS. Seu principal objetivo é discutir com a comunidade acadêmica (alunos e funcionários), mediante um processo participativo, que outros destinos, usos e ocupações poderiam ser dados aos espaços de convívio do campus centro. Ariana Ferrari, presidente do centro de estudantes do Instituto de Artes, na ocasião do lançamento do Projeto Mobiliários perguntava: “se estávamos nos omitindo ou nos entrometendo em relação a tais espaços”. Também indagamos se somos produtores ou somente usuários desses espaços. Ser usuário frequentemente se confunde com ser espectador, passivamente utilizando-se de estruturas prontas, programadas, sem atuar propositivamente ou responsabilmente em relação a elas.

Em busca de representatividade (participação direta) na discussão proposta pelo Mobiliários, a comunidade acadêmica foi convidada via Internet, rádio e Jornal da UFRGS a participar do projeto com aportações a respeito do tema. Após essa etapa, discutiu-se em conjunto com os participantes, em uma reunião presencial, as normativas bases do projeto. A partir deste encontro, decidimos realizar um concurso com o objetivo de seleccionar seis propostas para possível implementação de mobiliários para uso coletivo no campus. Ficou estabelecido que um mobiliário poderia ser desde um simples aparador de livros fixo a um muro até mesas e bancos. O foco era apresentar propostas para habitar os espaços livres do campus central, ativando-os para o uso durante o tempo livre, para estar ao sol, ler um livro, conversar, sem que essas atividades estivessem vinculadas a situações de consumo. Também foi produzido e divulgado o blog do projeto (www.projetomobiliarios.blogspot.com) e iniciadas as tratativas junto aos órgãos responsáveis que coordenam as alterações no espaço do campus. Nesta etapa foram realizadas oficinas para discussão do Mobiliários.

Ao todo tivemos 20 propostas inscritas, abordando os espaços de convívio desde diferentes pontos de vista. De um modo geral o Projeto Mobiliários teve boa acolhida por parte da comunidade acadêmica, que demonstrou interesse em propor usos diferentes dos atualmente existentes nos espaços de convívio do campus central. Atualmente, após escolha de 3 projetos por votação direta aberta à toda comunidade acadêmica, Mobiliários se encontra na fase de viabilizar a implementação das propostas escolhidas.

Cabe chamar a atenção para o fato de que durante o percurso de instauração do Projeto Mobiliários, vieram à tona conflitos existentes em relação a quem determina o uso do espaço público na UFRGS. Muitas estruturas de poder emergem quando se toca na temática da constituição de territórios. Mobiliários teve uma acusação formal (um processo) oriundo de um setor da universidade que alegava que: “o projeto estimulava nos estudantes idéias que não teriam possibilidade de realização”. Sabemos que as universidades devem primar pelo livre pensar, investigar. A acusação trazia implícito o entendimento de que não “se deveria cogitar mudar algo, posto não haver espaço concreto para isso”. Tal alegação se relacionou diretamente a questões de controle do espaço, de superposição de poderes que tratam o campus como um lugar privado e revelou conflitos de interesses no uso dos espaços livres. Também indicou quem pensa e decide a organização do campus, com seus locais de exclusão e compartimentalização, deixando claro que qualquer intento de pensar usos diferentes para esse “espaço público”, não era muito bem-vindo.

A universidade se caracteriza por ser um espaço de relações em que se gera e se propaga conhecimento. Se poderia dizer também que os campus universitários historicamente possuem vocação como centros de debate, de fomento de pensamento crítico e de utopias. Consideramos que nenhum assunto referente à universidade não possa ser passível de debate. É isso o que o percurso do Projeto Mobiliários demonstrou ao buscar uma horizontalidade nas discussões respeito aos espaços de convívio, mediante um caminho participativo.

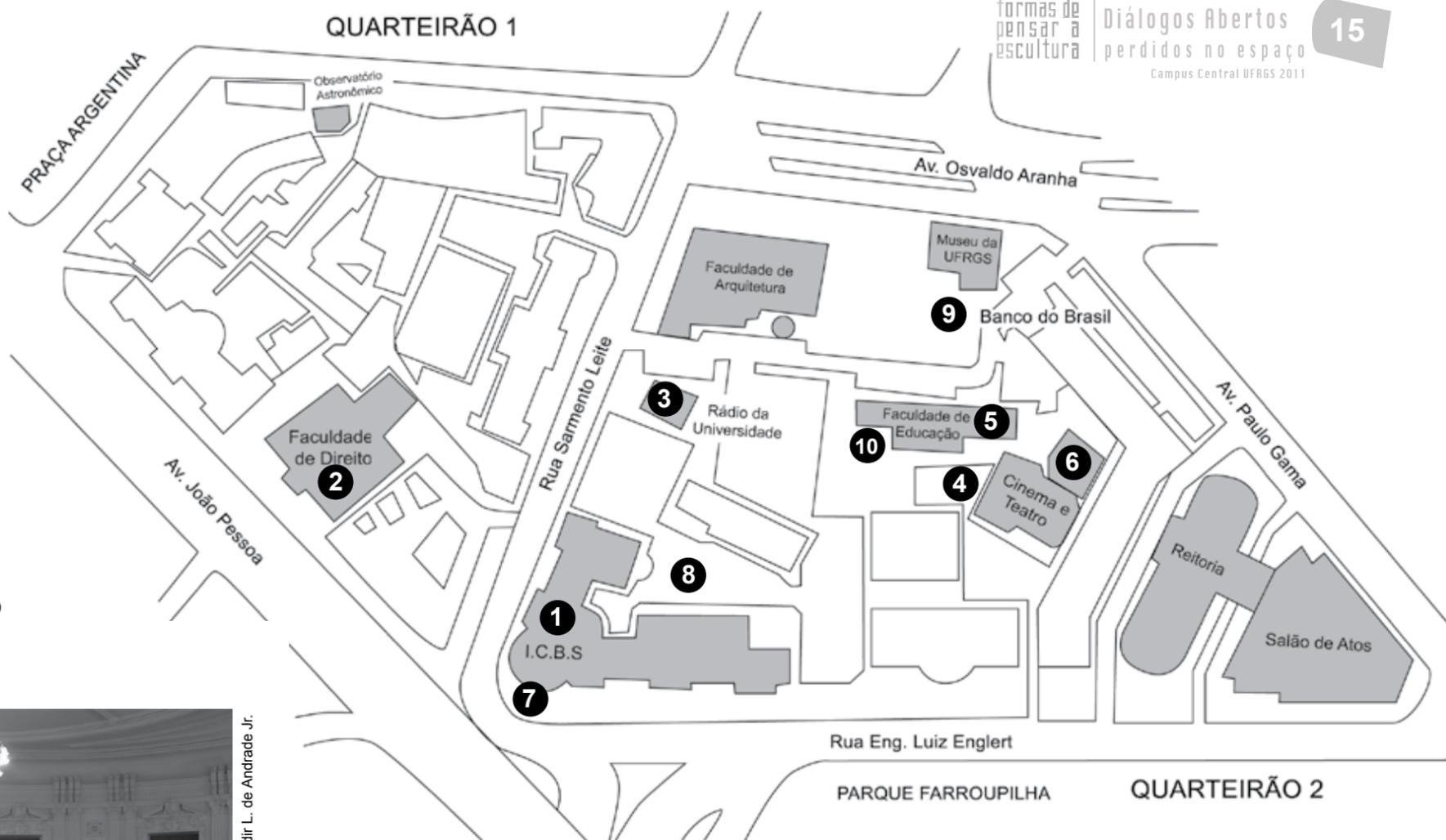
Se realmente desejamos uma “casa” mais humanizada, compartilhada, é necessário que nos responsabilizemos e nos impliquemos em relação à ela, deixando de ser apenas seus usuários.



Proposta de intervenção para a lateral do prédio da Faculdade de Arquitetura.

Cláudia Zanatta

Artista e professora no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Poéticas Visuais pelo PPGAV/UFRGS e doutoranda em co-tutela na área de Espaço Público, na Universidade Politécnica de Valencia, Espanha. Vive em Porto Alegre.



● Programação



Projeto e tratamento de imagem: Valdir L. de Andrade Jr.

1 Plataforma Diálogos Abertos

Maria Ivone dos Santos

Coordenação

Plataforma concebida como local de encontro, distribuição de publicações, apresentação de trabalhos, projeção de filmes e conversas relacionadas às propostas desenvolvidas no *Projeto Diálogos Abertos - Perdidos no Espaço no Campus Central*.

Local: Salão Nobre do Instituto de Ciências Básicas da Saúde

Rua Sarmento Leite, 500 - 2º pavimento

Horário de funcionamento: Das 11h às 21h, de terça a sexta-feira

Programação completa no site: www6.ufrgs.br/escultura

Atividades previstas na Plataforma:

09/11 - 18h às 19h30min

Diálogos Abertos (conversa):

Mesa redonda reunindo os participantes do projeto, convidados e público.

08 a 11/11 - 11h às 21h

Gabinete de trabalho

de Helene Sacco

Uma mala-escrivã adaptada para o trabalho de desenho, leitura e criação circulará previamente pelo Campus Central recolhendo desde conversas, registros fotográficos, desenhos e textos até a elaboração de desenhos-convites. A proposta pretende instigar o passante a ser um redescobridor potencial do lugar. As produções decorrentes dessa ação estarão sendo disponibilizadas em um "ateliê de reprodutibilidade" instalado no espaço da *Plataforma Diálogos Abertos*.

(es)colher, (re)colher: pedras

de Claudia Zimmer

Vitrine contendo pedras coletadas pelo Campus Central da UFRGS, ordenadas em uma espécie de catalogação, acompanhada da exibição de um vídeo-registro evidenciando as marcas deixadas no processo de coleta.

Projeto Mobiliários

de Cláudia Zanatta, Ariana Gomide e Willian Anzolin

Apresentação audiovisual do *Projeto Mobiliários*.

2 09 a 11/11 - 8h às 21h Assonâncias de silêncios [biblioteca] de Raquel Stolf

Propõe-se ativar a paisagem sonora da Biblioteca da Faculdade de Direito através do cruzamento entre a leitura de pequenos impressos distribuídos na Biblioteca e a audição de fragmentos de gravações de campo (silêncios sonoros pré-gravados da própria Biblioteca, veiculados sobre uma de suas mesas).

Site do projeto:

<http://soundcloud.com/irrecuperavel-ou-ocioso>

Local: Biblioteca da Faculdade de Direito

Av. João Pessoa, 80 1º andar.

3 08 e 09/11 - 15 às 18h Puzzle POA de Tiago Giora

A intervenção consiste em atuar em uma parcela da paisagem do Campus definida por um enquadramento fotográfico fixo; realizando movimentos de medição, teste e preenchimento de pequenos espaços intervalares dentro da área delimitada. A intervenção se configura como uma ação repetida que tende ao ponto de saturação do espaço, com o preenchimento de um número sempre crescente de vazios.

Site do artista: www.tiagogiora.com.br

Local: Rádio da Universidade - Rua Sarmento Leite, 426

4 09/11 - 20h Intervalo de apresentação (Qorpo-Santo: teatro) de Helio Ferverza

Projeção de vídeo realizado à partir das peças teatrais escritas por Qorpo-Santo.

Site do artista: www.helioferenza.net

Local: Parede exterior da Sala Qorpo-Santo
Av. Paulo Gama, s/n - Campus Central UFRGS
(ao lado do Cinema Universitário)

5 08 a 11/11 - 8h às 18h Caverna de Eduardo Montelli

O artista apresenta uma Instalação que suscita questionamentos acerca da possibilidade de mobilidade territorial como forma de aquisição e troca de conhecimentos.

Site do artista: www.19890126.blogspot.com

Local: Biblioteca da FACED - Av. Paulo Gama, 110 - 1º andar

6 08 a 11/11 - 8h às 21h Conversas Alheias de Jéssica Becker

Continuidade do **Projeto Conversas Alheias: Perdidos e Achados**, no qual a artista expõe frases escutadas durante vários dias em que frequentou o Bar do Antônio (Reitoria da UFRGS). A proposta busca encontrar os possíveis emissores de tais falas, que estarão sendo apresentadas em vídeo no televisor do local.

Site da artista: www.artejessica.blogspot.com

Local: Bar do Antônio (Campus Central) - Rua Sarmento Leite, 75

7 08 a 11/11 O Jardim Secreto de Sérgio Tomasini

A ação consiste em evidenciar a presença de um espaço potencialmente "nobre" do Campus Central da UFRGS, bem como o paradoxo de sua atual condição de invisibilidade, inacessibilidade e desuso, através da demarcação dessa área com uma fita de isolamento impressa. Ao mesmo tempo em que a demarcação com a fita denuncia a interdição, insinua a iminência de uma ação transformadora ou regeneradora naquele espaço, cujo jogo poético é denotado pela frase impressa.

Local: Grade externa do Instituto de Ciências Básicas da Saúde
Rua Sarmento Leite, 500

8 09 e 11/11 - a partir das 14h Na minha cidade tem um rio de Mariana Silva da Silva

Diferentes pessoas serão convidadas a transitar pelo espaço do Campus Central da UFRGS utilizando camisetas estampadas com a frase "Na minha cidade tem um rio". Este trabalho faz parte de uma investigação a respeito das práticas urbanas, enfocando a apropriação crítica da paisagem, especialmente da invisibilidade do Rio Guaíba de Porto Alegre, RS.

Site do artista: www.naminhacidadetemumrio.blogspot.com

Local: Os participantes sairão do Salão Nobre do ICBS e irão percorrer diversos espaços do Campus Central UFRGS

 **continua na próxima página.**





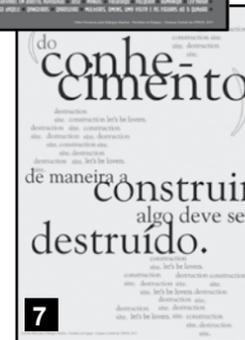
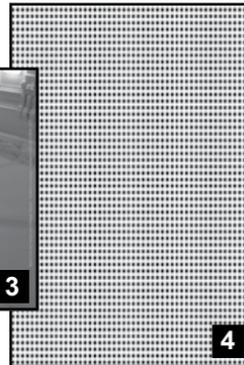
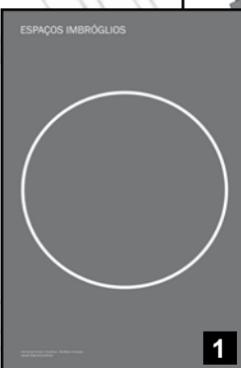
9 08 e 09/11 - 10h às 17h
Dispositivo ambulante para comer, conversar e desenhar observando a vista
 de Duda Gonçalves e Alice Monsell

Proposta colaborativa com o objetivo de abrir um espaço de sociabilidade e interação no espaço público do Campus Central e, também, fornecer modos para ver e recriar o entorno a partir de pontos de vista alternativos. Estará em circulação um dispositivo móvel com compartimentos para colocar lápis, papéis, bolachas, garrafas térmicas, cartões de vista-mirante com imagens do Campus e alguns em branco, para que as pessoas possam desenhar.

Local: Área externa próxima ao Museu da UFRGS e FACED
 Av. Osvaldo Aranha, 277



Fotografia: Duda Gonçalves, **Cartão de Vista Mirante**



1 Daniele Marx

“Espaços imbróglis” - Trata-se de um cartaz mínimo endereçado a ideia do Campus Central da UFRGS como conjunto e o seu contraponto caótico e confuso. Este cartaz serviria como uma sinalização endereçada ao passageiro.

2 Andrei Thomaz

“Tangram (Campus Central)” - Um jogo de Tangram, composto por peças com as formas dos prédios do Campus Central.

3 Maria Ivone dos Santos

“Jardim interno” - A etimologia da palavra jardim alude a existência de um espaço de cultivo reservado. Uma imagem subtraída durante deambulação pelo Campus Central propõe deslocamento poético do espaço arquitetônico. Que leituras se abrem a partir desse olhar?

4 Michel Zózimo e Fernanda Gassen

“Piquenique Observatório” - Elaboração de cartaz propositivo de um piquenique, a ser realizado no gramado localizado no encontro de três prédios históricos do Campus Central da UFRGS, que inclui o observatório astronômico, o castelinho e o Cietec. Frente do cartaz: estampa padrão de toalha de piquenique. Verso do cartaz: Instruções para uso da toalha em espaço específico.

5 Glaucis de Moraes

“Jogo dos 14 erros” - A artista subverte o conhecido jogo dos 7 erros, apropriando-se de imagens coletadas ao longo dos anos. O jogo é manipulado causando estranhamentos e alterações de sentidos nas imagens aparentemente ingênuas das revistas de passatempos.

6 Hélio Ferverza

“Intervalo de apresentação (Qorpo Santo: personagens)” - Cartaz apresentando nomes de personagens retirados de peças de Qorpo-Santo, criando assim, pela disseminação, conexões com o vídeo apresentado na fachada do Teatro.

7 Cristina Ribas

“Protótipo/Revisão” - o cartaz apresenta uma inflexão entre a universidade e sua renovação constante em contraponto à possibilidade da sua ruína. O que é o trabalho de conservação dos saberes? Que sistemas se criam? Como se estabelece o espaço de conservação dos saberes na fisicalidade do espaço da universidade, e como ele se deixa romper?



10 09 a 11/11 - 11h às 13h
achados+perdidos

de Joubert Vidor, Douglas Ritter e Gutierre Bessauer

Em um local de trânsito intenso de pedestres, trajetos múltiplos de transeuntes se perdem praticamente sem deixar rastros no espaço do conjunto arquitetônico do Campus Central da UFRGS. A proposta consiste em registrar parte desses trajetos anônimos através de objetos lúdicos disponibilizados ao público do lugar. A partir do deslocamento dos objetos preparados serão geradas experiências gráficas/artísticas, composições que potencializam gestos inicialmente perdidos e anônimos. O resultado pode ser acompanhado pelo site:

www.code.google.com/p/achadosmaisperdidos/

Local da ação: Saguão e área externa da FACED
 Av. Paulo Gama, 110

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Reitor
 Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor e Pró-Reitor de Coordenação Acadêmica
 Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitora de Extensão
 Sandra de Deus

Vice Pró-Reitora de Extensão
 Jussara Porto

Diretora do Departamento de Difusão Cultural
 Claudia Mara Escovar Alfaro Boettcher

Produção Executiva
“Diálogos Abertos - Perdidos no Espaço”
 Carla Bello – Coordenadora
 Laura Schuch – Bolsista
 Julia Petry Cabral – Bolsista

Equipe do DDC
 Edgar Wolfram Heldwein
 Juliana Mota
 Lígia Petrucci
 Sinara Robin
 Tânia Cardoso de Cardoso

Bolsistas
 Bruna Schuch
 Diego Carneiro
 Diogo Perin
 Giulia Barão
 Renata Signoretti

Formas de Pensar a Escultura
Perdidos no Espaço
 Maria Ivone dos Santos
 Coordenadora

Jornal

Equipe Editorial
 Maria Ivone dos Santos
 Hélio Ferverza
 Eduardo Montelli

Projeto gráfico
 Eduardo Montelli

Site
 Joubert Vidor

Assistente de Produção
 Valdir L. de Andrade Jr.

Agradecemos as unidades da UFRGS que colaboraram com este projeto, permitindo que as intervenções ocorressem em seus espaços.

www6.ufrgs.br/escultura

formas de pensar a escultura

veículos da arte

